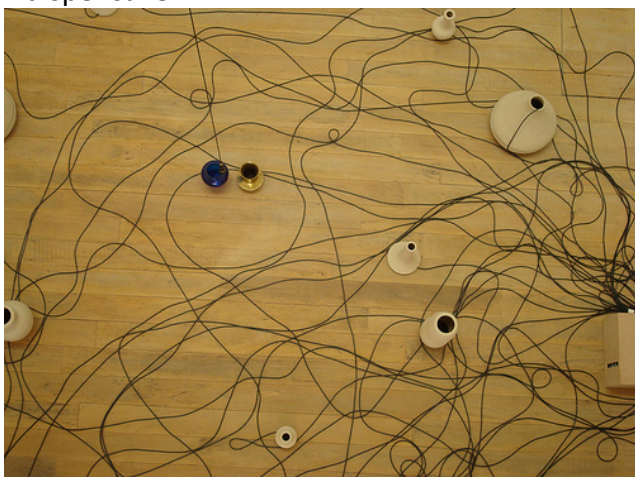


Ver barulho

Em 27 de novembro de 2009 é lançado um filme sobre o grupo Chelipa Ferro pela Associação Cultural Videobrasil. O filme, do diretor Carlos Nader, conta com um documentário sobre os artistas e alguns extras onde o espectador pode assistir a registros de trabalhos do grupo e a uma entrevista com o crítico de arte Moacir dos Anjos.

Os registros dos trabalhos nos mostram obras audiovisuais no sentido estrito da palavra: áudio e imagem. Em geral, os trabalhos do Chelipa Ferro podem ser divididos em três grupos: os objetos sonoros¹, as performances² e os CDs³. Os Cds, apesar de serem o único grupo de trabalhos a nos mostrar exclusivamente som, nos proporcionam um som que alude a objetos e permite lembrar sua origem. Origem esta que é referenciada com retidão tanto nas performances onde o grupo improvisa o som e imagens projetadas, quanto nos objetos escultores do som no instante.

A obra *Acusma* exposta junto com o filme no SESC Paulista, é um exemplo forte do som que é esculpido no instante. A obra possui diversas formas de vasos em cerâmica. Dentro de cada uma há um emissor sonoro, que é emitido de um modo específico devido ao formato do vaso. É uma exposição onde a imagem, não a remetida, mas a vista de imediato (neste caso, os vasos), é processada como indispensável.



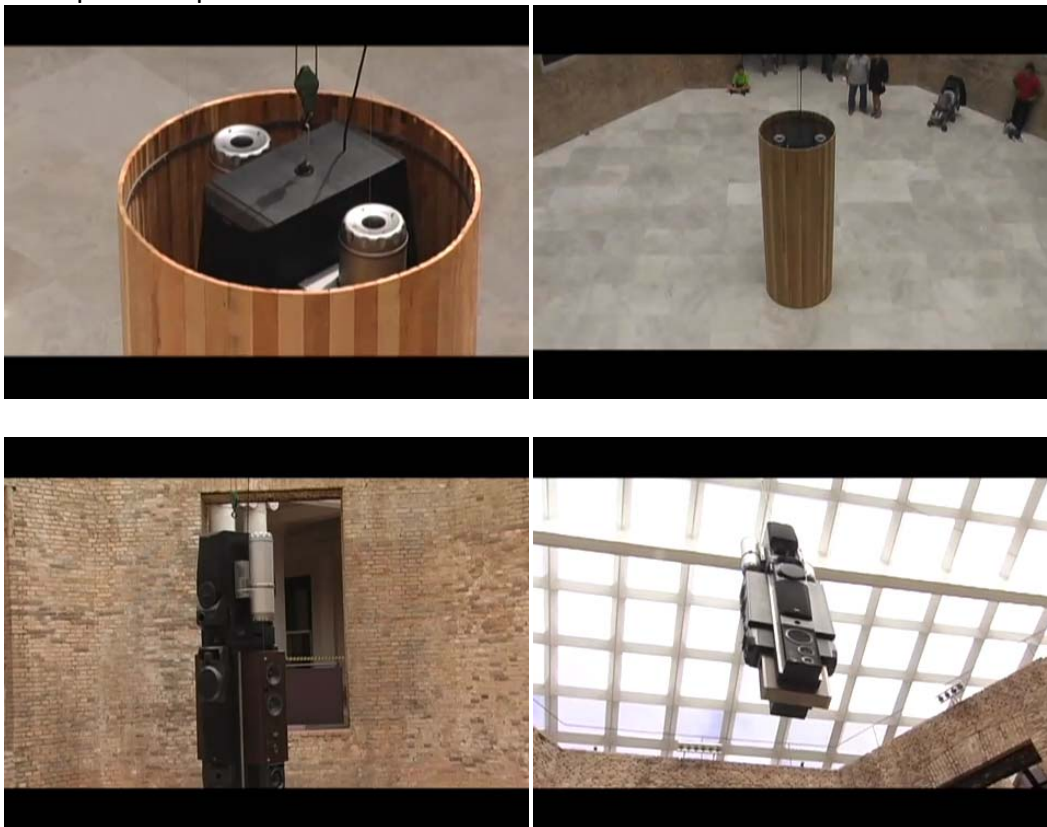
Acusma. Retirado de <http://www.flickr.com/photos/mishmoshimoshi/>

¹ Boneca, Paraíba, Onda quadrada (1997); Water music, Vu, Cama, Copo d'água, Cilotron, Buraco branco, Sistema nº 1, Jungle (2001); Mesa, Autobang, Unidade móvel de Chico (2002); Só no sapatinho, Chuvas, Moby Dick, Maracanã, Nadabrahma, Temporizador, Hum, Sem título, Hum (2003); Estabilidade provisória, Acqua falsa, de língua, Cogumelo, Fita!, Baile Chelipa, Diurno, Noturno (2005); Totó Treme Terra, 100 metros rasos, Octopus, Jungle Jam (2006); On_Off Poltergeist (2007); Jardim Elétrico, Acusma, Merreca (2008); Microfônico (2009).

² O gabinete de Chico (1998), A garagem do gabinete de Chico (2000), Adoração do Bezerra (2001), Enrolando (2002), Pilha (2001). Presente Futuro, Vale o Escrito, A autópsia da cigarra gigante (2008) e os shows Som (2003), Maerz Music (2005), On_Off (2006), Desvio (2007)

³ "Chelipa Ferro II", Ping Pong (2004) e "Chelipa Ferro", Rock it!Records (1997)

Totoro, obra exposta no espaço central da Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2009, assim como algumas outras obras, escapa a definição dos três grupos dada acima, pois é uma obra onde o som esculpe o espaço e o espaço esculpe o som, não se tratando nem de uma obra objetual, nem de um som independente, já que depende da arquitetura para existir.



Frames do registro em vídeo da obra *Totoro*, disponível em www.chelpaferro.com.br

O Chelipa Ferro destaca-se pela estética da gambiarra: fios a mostra, parafernália low tech⁴, luzes piscantes, caixas de som e motores. O próprio ato de deixar os fios à mostra confirma que eles querem que os fios sejam visualizados como elemento estético: como linhas.

No entanto, apesar de tantas evidências imagéticas, há alguns textos sobre o grupo que acentuam mais seu caráter sonoro, como no caso de um extra, contido no filme de Carlos Nader, onde Moacir dos Anjos inicia dizendo: “A particularidade do Chelipa na cena contemporânea talvez seja nos fazer ouvir o barulho que o mundo faz”. E continua: “as coisas que nos rodeiam que produzem ruídos passam muitas vezes despercebidos do âmbito da cultura”. No trabalho do Chelipa as coisas produtoras de ruídos não estão separadas dos ruídos. O grupo de artistas plásticos está claramente no âmbito ainda das artes plásticas e raramente fazem ouvir o barulho

⁴ A estética dos objetos sonoros do grupo são low tech, de baixa tecnologia, porém seus shows e algumas de suas esculturas, como a *Jungle Jam*, são construídos com a mais alta tecnologia digital. A qualidade do som concebida pelos artistas é mediada por um aparelho de invenção própria, nomeado *Cabeção*, que finaliza o som que será mostrado ao público. Isto faz crer que a precariedade no processo do grupo é o assunto e não a finalidade. Ideia retirada do texto *Arte Sonora - O que significa?* de Zacha Colah.

separadamente do ver. Como eles mesmos afirmam tanto no filme (acima citado), como em seu livro lançado em 2008, onde eles escrevem:

“Quando se pode ver que o som vem daquela insólita combinação de elementos, o fenômeno acontece.”

No filme, o pensamento sobre imagem e som, estende-se a uma questão mais complexa, sem deixar de ser irônica:

“Em Matéria e Memória de Bergson, ele diz que todo objeto é uma imagem. No caso do Chelipa Ferro, o som é a um só tempo objeto e imagem. E assim é colocada a questão central de nossa época, que é a seguinte: Num mundo tão lotado, tanto de átomos quanto de bits, que reação perversa a esta lotação faz com que a gente o lote ainda mais?”

No trecho acima, além do grupo reafirmar o vínculo necessário entre a imagem e o som, eles trazem uma questão contemporânea da arte: “num mundo tão lotado” por que “lotá-lo ainda mais?”. Na arte moderna a busca pelo novo era proeminente. Russolo, primeira referência do grupo, era pintor futurista e começou a produzir ruídos como elogio à vida moderna, aos automóveis, à indústria e ao futuro, rompendo com o passado.

Ao contrário do que diz Moacir, os ruídos não foram abandonados do âmbito da cultura. Há um século artistas vem produzindo música a partir de ruídos. Alguns exemplos são (respectivamente citados autor e música, exceto o último): Luigi Russolo - *Verglio di una citta* (1914), Edgar Varèse - *Amériques* (1921), John Cage - *Imaginary Landscape 1* (1939), Jean Tinguely - *Homage to New York* (1960), Max Neuhaus - *Radio Net* (1977), Christian Marclay - *Recycled Records* (1980-86), O Grivo (1990).

E tanto Moacir como o grupo Chelipa Ferro estão cientes do século XX produtor de tantos ruídos. Moacir, em texto do livro *Chelipa Ferro*, cita alguns dos autores da história dos ruídos, e o Chelipa, ao afirmarem a lotação do mundo, deixam notar que não são os primeiros na arte dos ruídos. Questionam-se, como todo artista contemporâneo deve-se questionar, sobre o que criar agora depois de tudo já criado. Certamente, este não é mais o século da busca pelo novo. Aqui não se tratará mais de *vanguarda*.

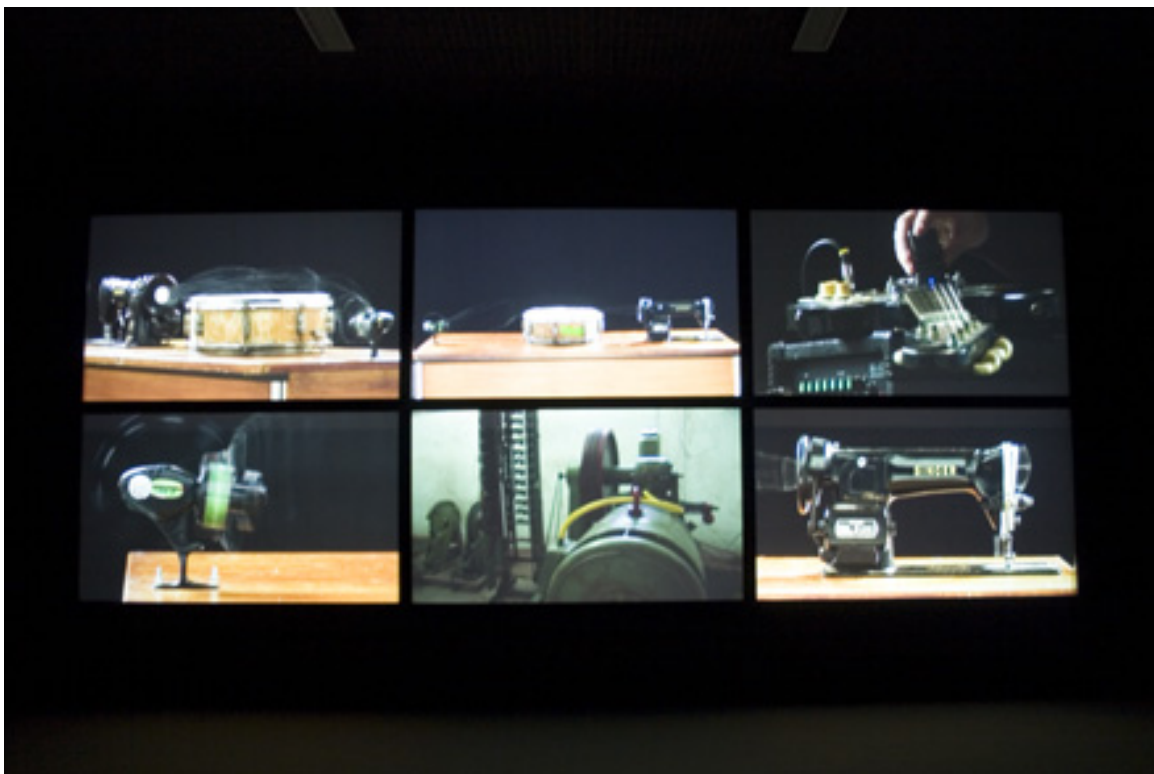
Uma vez que os sons já estão no mundo, o Chelipa Ferro atua recortando os barulhos do mundo e re-inventando novos sons, que nunca serão ouvidos do mesmo modo no mundo.

Assim, mesmo após um século XX tão ruidoso, o grupo como artista possui particular pesquisa no campo do som atrelado à imagem. E é uma pesquisa que está acontecendo há quinze anos, portanto, como Moacir escreve, há sobre eles “uma genealogia possível (e necessariamente inconclusa)”⁵.

O século XXI tem se revelado o século da bricolagem, do sampling, da incoerência, e das prazerosas indisciplinas (negação das disciplinas) iniciadas pelos dadaístas e retomadas pelo grupo Fluxus em 1961. O ruído mais reverberante do grupo Chelipa Ferro vem acompanhado da imagem para que não seja esquecida sua matéria prima. Com 15 anos indisciplinados, adolescentes portanto, eles fazem ver

⁵ Em texto retirado do livro *Chelipa Ferro* (2008)

barulho com a imagem “fortuita”⁶ de uma máquina de costura e um tambor tocado por um motorizado arame.



Fotografiapor Ding Musa da videoinstalação *100 metros rasos*

BIBLIOGRAFIA

BARRÃO; ZERBINI, Luiz; MEKLER, Sérgio. *Chelpa Ferro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008

MOLINA, Camila. *O ritmo e o som como matéria de criação*. Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO, terça-feira 10 de junho de 2008

VISCONTI, Jacopo Crivelli. *A impossibilidade do som*. In Alfons Hug & Ana Magalhães (Eds). Pavilhão do Brasil – 51º Bienal de Veneza. Caio Reisewitz – Chelpa Ferro. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2005

WEB

www.chelpaferro.com.br/ Acessado em janeiro de 2010

http://www.youtube.com/watch?v=pcHnL7aS64Y&feature=player_embedded#

Acessado em janeiro de 2010

AUDIOVISUAL

NADER, Carlos. *Chelpa Ferro*. Associação Cultural Videobrasil. 2009

CD Chelpa Ferro, 2004

⁶ Alusão ao encontro fortuito, sobre uma mesa de dissecação, de uma máquina de costura com um guarda-chuvas. Encontro surrealista inventado por Lautréamont. As aspas no texto encontradas acentuam ironia, uma vez que o encontro de Chelpa Ferro é clara referência ao encontro fortuito surrealista.

